

História Serial, História Quantitativa e História Demográfica: uma breve reflexão crítica

Serial History, Quantitative History and Demographic History: a brief critical reflection

José D'Assunção Barros¹

RESUMO: Este artigo busca elaborar uma avaliação crítica em torno de alguns campos históricos específicos, que frequentemente interagem uns com os outros, como a História Serial, a História Quantitativa e a História Demográfica, esclarecendo e discutindo alguns aspectos fundamentais relacionados a estas modalidades da História. Um dos principais objetivos é estabelecer mais claramente a diferença entre “História Serial” e “História Quantitativa”. O artigo remete a uma obra recentemente publicada, cujo principal objetivo é o de elaborar uma visão panorâmica das diversas modalidades da História nos dias de hoje.

ABSTRACT: This article attempts to elaborate a critical evaluation about some specific history fields in mutual interaction – as the Serial History, the Quantitative History and the Demographic History, aiming to clarify and discuss some fundamental aspects related to these modalities of History. One of the main objectives is to establish clearly the distinction between “Serial History” and “Quantitative History”. The article refers to a recently publicized work, whose principal object is to elaborate a panoramic view of the various areas of History nowadays.

PALAVRAS-CHAVE: História Serial. História Quantitativa. História Demográfica.

KEYWORDS: Serial History. Quantitative History. Demographic History.

I. ABORDAGEM ESPECÍFICA PARA AS FONTES HISTÓRICAS

Existem modalidades historiográficas que frequentemente apresentam espaços de interpenetração com outras, e que não raramente geram confusões com relação às suas possibilidades de compreensão e definição. O presente artigo pretende clarificar inicialmente os limites e singularidades essenciais de dois campos históricos que muitas vezes aparecem em mútua conjunção, mas que também conser-

¹ Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Email: jose.assun@globo.com

vam independência, e que em algumas ocasiões e trabalhos historiográficos mais específicos podem não estar unidos em uma mesma abordagem. Referimo-nos aos campos históricos que ficaram conhecidos como História Serial e História Quantitativa. Em seguida, examinaremos um outro campo historiográfico que muito habitualmente se vale de abordagens relacionadas à História Serial e à História Quantitativa: a História Demográfica.

A História Serial constitui uma modalidade da História que desempenhou seguramente um papel primordial na historiografia do século XX. Quando surgiu, foi vista por diversos historiadores como uma verdadeira revolução nas relações do historiador com as suas fontes, e alguns chegaram mesmo a pensar que este tipo de historiografia substituiria de todo o antigo fazer histórico tradicional. Ao invés das fontes habituais, que eram tomadas sempre para uma abordagem qualitativa, a chamada História Serial introduzia nas proximidades dos meados do século XX uma perspectiva inteiramente nova: tratava-se de constituir “séries” de fontes e de abordá-las de acordo com técnicas igualmente inéditas. Neste caso, teremos aqui um campo a ser definido em relação à abordagem ou ao modo de fazer a História que a perpassa².

De fato, o campo da *História Serial* refere-se a um tipo de fontes e a um ‘modo de tratamento’ das fontes. Trata-se, neste caso, de abordar fontes com algum nível de homogeneidade que se abram para a possibilidade de quantificar ou de serializar as informações ali perceptíveis no intuito de identificar regularidades. Num outro sentido, a História Serial lida também com a serialização de eventos ou dados (e não apenas com a serialização de fontes) propondo-se a avaliar eventos históricos de certo tipo em séries ou unidades repetitivas por determinados períodos de tempo. Enquadram-se neste conjunto de possibilidades os estudos dos ciclos econômicos, a partir, por exemplo, da análise das curvas de preços e também das análises das curvas demográficas.

A História Serial foi de fato um campo que se abriu a partir de uma estreita parceria com a História Econômica, daí se estendendo à História Demográfica e à História Social no sentido restrito, mas que terminou por se difundir para muito além destes limites³. É o caso dos estudos de História das Mentalidades em algumas situações específicas, como, por exemplo, quando se recorre à análise de séries de testamentos a fim de verificar quantas missas desejavam para depois de sua morte os homens de certa classe social em determinada

2 Poderemos propor aqui um esclarecimento acerca dos critérios a partir dos quais podem ser pensados e repensados os vários campos e modalidades da História. Ao lado das *abordagens*, que se referem aos métodos e modos de fazer, e dos *domínios*, que se referem a campos temáticos privilegiados pelos historiadores, as *dimensões* correspondem àquilo que o historiador traz para primeiro plano no seu exame de uma determinada sociedade: a Política, a Cultura, a Economia, a Demografia, e assim por diante (BARROS, 2004).

3 Classificaremos modalidades como a História Econômica, a História Demográfica, a História Social e a História das Mentalidades como campos da história que se referem a ‘dimensões’ – a aspectos que o historiador traz para primeiro plano quando examina uma determinada sociedade histórica.

sociedade. Neste sentido, a série pode trazer à tona “testemunhos involuntários”, permitindo estabelecer uma História das Práticas Religiosas (rubrica que deve ser enquadrada no âmbito dos ‘domínios’ da História)⁴. Da mesma forma, é possível serializar ‘estruturas de parentesco’, e neste momento a História Serial estará se articulando à História Antropológica.

Relacionada a determinados procedimentos metodológicos, a História Serial articula-se deste modo a outros campos históricos como a História Econômica, a História Demográfica ou a História das Mentalidades, aplicando-se a objetos vários (como na História das Práticas Religiosas ou na História da Família). Por outro lado, com frequência ela se encontra intimamente relacionada com a chamada *História Quantitativa*, uma subdivisão da História que se refere mais ao critério ‘campo de observação’, neste caso associado ao âmbito numérico e às variações quantitativas. Contudo, isto não ocorre necessariamente, conforme veremos mais adiante.

No que se refere ao tipo de fontes que podem ser serializadas, deve-se notar desde já que uma grande variedade de fontes pode se prestar aos usos seriais, em que pese a primazia que desempenharam as fontes escritas na História Serial dos primeiros tempos – notadamente fontes cartoriais, administrativas, comerciais, paroquiais, testamentárias e outras que tão bem se prestam à História Quantitativa. Assim, um exemplo clássico é o de Michel Vovelle (1978) nos seus estudos sobre a Morte – um trabalho que se localiza nos interstícios de uma História das Mentalidades no que se refere à ‘dimensão’, e em conexão com a História Serial no que concerne à ‘abordagem’. Vovelle, com grande maestria, conseguiu serializar desde objetos da cultura material até registros iconográficos e elementos tópicos presentes em discursos literários. Em todos estes casos, temos um bom exemplo de História Serial que não é necessariamente coincidente com uma História Quantitativa.

2. UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA

A diferença entre História Serial e História Quantitativa deve ficar clara, embora sejam comuns os já citados casos em que as duas abordagens se superpõem para formar uma História Serial Quantitativa. Ainda que ambas as especialidades possam ser definidas como ‘abordagens’, existem diferenças a serem notadas.

A História Serial refere-se ao uso de determinado tipo de fontes - homogêneas, do mesmo tipo, referentes a um período coerente com o problema a ser examinado - que permitem uma determinada forma de tratamento - a serialização de dados, a identificação de elementos ou ocorrências comuns que permitam a identificação de um padrão e, na contrapartida, uma atenção às diferenças, às vezes graduais, para se medirem as variações. Já a História Quan-

⁴ Alguns exemplos de articulação entre História Serial e História da Religião são apresentados por Pierre CHAUNU no artigo intitulado “Une histoire religieuse sérielle – A propos de diocèse de la Rochelle (1648-1724) et sur quelques exemples normands” (CHAUNU, 1965).

titativa deve ser definida por um outro critério: o seu campo de observação. O que a História Quantitativa pretende observar da realidade está atravessado pela noção do “número”, da “quantidade”, de valores a serem medidos. As técnicas a serem utilizadas pela abordagem quantitativa serão estatísticas, ou baseadas na síntese de dados através de gráficos diversos e de curvas de variação a serem observadas de acordo com eixos de abscissas e coordenadas. Algumas análises quantitativas mais sofisticadas poderão utilizar logaritmos, recursos matemáticos mais avançados como integrais e derivadas. O computador será neste caso de uma ajuda imprescindível. Com relação ao tipo de fontes, serão fatalmente “fontes seriais”. Aqui está o nó do esclarecimento.

A quantificação pressupõe a serialização - se não de fontes, pelo menos de dados. O inverso é que não ocorre. Posso trabalhar com séries de fontes sem estar necessariamente interessado no número. Estarei interessado em verificar recorrências, mas não necessariamente quantidades. Posso, por exemplo, verificar padrões iconográficos. A quantidade de documentos em que se repete um determinado padrão, ou a sua recorrência com variações mínimas, isto pode até ser contabilizado – mas como um recurso paralelo. E não necessariamente. A chave para definir uma prática como História Serial é, portanto, a busca de padrões recorrentes e variações ao longo de uma série de fontes ou materiais homogêneos. Mas não necessariamente a quantidade, ou pelo menos isto não é o principal. Assim, para dar um último exemplo, posso serializar notícias de jornais durante um período mais ou menos longo para verificar a repetição de determinado tipo de anúncios, ou a sua gradual variação ao longo do tempo, ou mesmo as variações bruscas que serão indicativas de algum acontecimento que produziu a transformação. A “série” é o que canaliza a atenção do historiador na modalidade da História Serial; o “número” ou a medida é o que canaliza a atenção do historiador no caso da História Quantitativa.

Ao empreender uma História Quantitativa, o historiador deve tomar o cuidado (isto é, se quiser tomar este cuidado) para não realizar uma história meramente descritiva de informações numéricas, sejam estas relativas à população ou à economia. Se a sua História Quantitativa se resumir a uma exposição de quantidades, será meramente uma História Descritiva, não-problematizada. Convenhamos que este tipo de história é a contrapartida, para o caso da História Narrativa, daquela modalidade historiográfica do século XIX, que ficou conhecida como História Factual (ou História Eventual) devido à intensa crítica que os historiadores da Escola dos Annales fizeram a esta historiografia não-problematizada (que também era chamada pejorativamente de “historiografia positivista”, embora não se referindo necessariamente ao Positivismo como corrente sociológica).

Reconheçamos que narrar simplesmente os fatos, de maneira não-problematizada, como se o que importasse na História fosse a mera descrição dos eventos ou “dos fatos que aconteceram” (como chegou a propor Ranke em uma frase célebre), será tão passível de críticas de acordo com os critérios de uma História Problema como descrever simplesmente os dados demográficos

ou econômicos de uma determinada sociedade. Em um caso teremos a História Narrativa Factual, da qual está muito longe a moderna História Narrativa problematizada que começou a aparecer a partir da década de 1980. Em outro caso teremos a História Quantitativa meramente descritiva, que levanta dados e mais dados, mas não estabelece problemas, não utiliza estes dados minuciosamente levantados para produzir uma reflexão problematizada sobre a sociedade em um momento ou processo histórico.

Como o tratamento estatístico foi uma novidade na historiografia da primeira metade do século XX, nesta época se fez muita história quantitativa meramente descritiva que soou como uma grande novidade (e, em certo sentido, era mesmo). Mas levantar os fatos cientificamente também era uma novidade para a historiografia do século XIX. Depois de décadas acumulando estes fatos - hoje se sabe que selecionar fatos e conectá-los deste ou daquele jeito é já parte de uma interpretação ou construção historiográfica - começou-se a se perguntar o que fazer com estes fatos. A História Problema rejeitou a História Narrativa meramente factual. Hoje a História Problema deve rejeitar a História Quantitativa meramente descritiva que muitos ainda fazem. O historiador de hoje deve lançar mão dos levantamentos quantitativos (empreendidos por ele mesmo ou por um outro) para formular problemas. Isto é, se ele quiser acompanhar este grande fluxo da História Problema que atravessou o século XX e chegou ao século XXI.

Posto isto, há lugar para todas estas especialidades. Para a história quantitativa serial problematizada. Para a história serial não essencialmente quantitativa (e também problematizada). Haverá até mesmo um lugar para a história quantitativa descritiva, pois sempre será útil para um historiador problematizador se beneficiar desta exaustiva pesquisa que fizeram os historiadores quantitativos descritivos, para, a partir dela, formular questões e propor hipóteses. Da mesma forma, os historiadores problematizadores agradecem aqueles exaustivos levantamentos de fatos que foram empreendidos pelos historiadores factuais, porque eles podem ser utilizados como materiais (como pontos de partida) para uma reflexão problematizada sobre sociedades historicamente localizadas. Qualquer informação pode ter lá a sua valia em algum momento. O importante é que o historiador profissional compreenda bem que tipo de história estará fazendo: levantando fatos e dados, ou construindo uma história problematizada a partir destes fatos e dados.

3. HISTÓRIA DEMOGRÁFICA E SUAS INTERCONEXÕES COM O SERIAL E COM O QUANTITATIVO

Outro campo histórico que muito frequentemente conectou sua historiografia com a História Quantitativa, e que também pode lançar mão, por outro lado, da abordagem da História Serial, é o da chamada *História Demográfica*. Em um esforço de compreensão do que representa no seu maior nível de essencialidade esta modalidade histórica, podemos dizer que ela enfatiza o estudo de tudo aquilo que se refere mais ou menos diretamente à 'População', que são as suas variações

quantitativas e qualitativas, o crescimento e declínio populacional, os movimentos migratórios e assim por diante. Desta forma, é a noção de “população”, com tudo o que ela implica, o que atravessa a constituição desta subespecialidade da História. A História Demográfica, portanto, é uma modalidade historiográfica que surge a partir do critério das ‘dimensões’ – daquilo que o historiador traz para primeiro plano em sua análise da sociedade – ao lado de outras modalidades que também se referem a ‘dimensões’ como a História Política, a História Econômica e assim por diante.

À medida que vai conectando os aspectos mais especificamente relacionados às categorias populacionais (como a mortalidade ou a natalidade), com frequência obtidos através de métodos estatísticos e da abordagem quantitativa, para depois relacionar estes aspectos de modo a dar a perceber a vida social de uma determinada comunidade, a História Demográfica estabelece interfaces significativas com a História Social. Para utilizar uma imagem mais eloquente, a História Demográfica vai se convertendo muito claramente em um tipo de História Social na razão direta em que a ‘história da mortalidade’ vai derivando para uma ‘história da morte’, mostrando-se também neste particular a possibilidade de uma interface ainda mais específica com a História das Mentalidades.

Assim, um historiador que esteja preocupado em coligir informações sistemáticas a respeito de uma determinada população historicamente localizada — ou, ainda mais especificamente, sobre os níveis e tipos de mortalidade desta população — estará realizando uma História Demográfica de caráter ainda descritivo, em que pese a sua importância para estudos posteriores. Poderá dar a perceber — através de gráficos construídos com informações cuidadosamente extraídas de fontes seriadas — aspectos relativos à idade média com que costumavam morrer os indivíduos deste ou daquele grupo social, os tipos de morte que mais frequentemente sofriam (oriundas de doenças, de envelhecimento ou de violência social), os bens que costumavam deixar para seus herdeiros, os valores monetários que eram habitualmente despendidos nos seus enterros, os tipos de destino que tinham seus corpos (cremados, enterrados, engavetados), a qualidade da madeira empregada nos ataúdes, a presença ou não de epitáfios, a ocorrência de extrema-unição, ou sabe-se lá quantos outros aspectos que poderiam compor um panorama informativo sobre a morte na sociedade examinada.

Este seria obviamente um grande panorama descritivo, objeto possível de uma História da Mortalidade no sentido em que ela pode ser definida precisamente pela recolha deste tipo de informações. A “Morte” propriamente dita é, contudo, um fenômeno social. Ela gera representações, comoções, expectativas espirituais para os que irão partir e expectativas materiais para os que vão ficar. A incidência de um determinado número de mortes pela Peste Negra, comprovada para períodos como o do século XIV, pode ter gerado na época um certo imaginário, ter produzido transformações na religiosidade, ter modificado formas de sociabilidade, ter dado origem a novos objetos da cultura material (como as velas de sétimo dia ou os caixões da madeira menos nobre para atender à demanda de

um número crescente de mortos). Um enterro pode ser examinado no que se refere a certos usos sociais, como, por exemplo, a presença de carpideiras ou a ocorrência de determinado tipo de discursos de despedida, ou ainda a forma de luto e resguardo oficialmente aceita que a viúva deverá observar para não correr o risco de transgredir as normas aceitas pelo grupo.

Os ritos, costumes, tabus, sentimentos, carências e representações geradas pelo fenômeno da morte são obviamente objetos de uma História Social, conforme a definiremos mais adiante, ou podem ser também objetos de uma História Cultural, de uma História Econômica, ou mesmo de uma História Política (dependendo da importância simbólica do morto). O historiador da demografia que pretenda fazer uma história que não seja simplesmente informativa ou descritiva, mas também problematizada, certamente encontrará caminhos para estabelecer conexões entre as informações numéricas ou padronizadas e as inferências sociais e culturais. Dito de outra forma, ele se empenhará em realizar não só uma História da Mortalidade, mas também uma autêntica História da Morte.

A Demografia Histórica atravessa hoje estes dilemas. Inexiste aquela novidade da estatística histórica que justificava na década de 1950 a feitura de teses mais descritivas — meras coletoras de informações sobre a mortalidade, a natalidade ou a nupcialidade. Hoje se espera que o historiador “problematize” a morte, o nascimento ou o casamento, que não apenas contabilize os movimentos migratórios, mas que também fale sobre as expectativas culturais e sociais dos migrantes, que recupere um pouco da sua vida da aparente aridez a partir de uma documentação que, se utilizada com finalidades meramente estatísticas, não trará para os leitores de história mais do que um número, verdadeiro, mas abstrato, preciso, mas patético, matematicamente desencarnado.

4. A RELATIVIDADE E PROBLEMATIZAÇÃO DO “NÚMERO”

Os problemas relativos ao risco de que um estilo ‘quantitativo não-problematizado’ comprometa uma obra de História Demográfica, conforme já vimos, são comuns também a outros campos que se utilizam eventualmente das técnicas estatísticas e de quantificação, como a História Econômica. Na verdade, estes são riscos comuns a todos os campos historiográficos que se sintonizam com a chamada História Quantitativa (expressão que, tal como já explicitamos antes, relaciona-se a uma ‘abordagem’). Da mesma forma que é um ato meramente descritivo registrar gratuitamente uma variação secular nos preços de certo produto, compilar aspectos referentes a uma população sem uma problematização correspondente é um gesto historiográfico vazio de um conteúdo maior.

Postos estes cuidados, a História Demográfica é uma dimensão importante a ser examinada pelos historiadores que se dedicam aos vários períodos, e muitos deles têm prestado contribuições inestimáveis à compreensão da vida rural, da vida urbana, das oscilações nos níveis populacionais gerais e localizados com as suas devidas implicações sociais. Os problemas mais comuns pertinentes a este campo de estudo estão associados à compreensão da relatividade do próprio

número. Historicamente, nunca se pode dizer, por exemplo, que uma cidade é populosa ou pouco habitada, a não ser que seja avaliado o contexto da informação numérica a que chegou o historiador demográfico. Assim, na Antiguidade Grega, o filósofo Aristóteles já idealizava para uma cidade um efetivo populacional de no máximo cinco mil cidadãos, excluindo as mulheres e escravos que também a habitariam. Trata-se de certo modo de uma crítica àquilo que lhe parecia ser uma excessiva população urbana para a cidade de Atenas, que, no tempo de Péricles, havia chegado a 40.000 cidadãos. Roma, alguns séculos depois, atingiria um milhão de habitantes, o que faria da Atenas clássica uma cidade comparativamente pequena, isto é, se os parâmetros de uma época pudessem modelar a leitura de uma outra. Mas, em compensação, a antiga capital do Império Romano teria sua população reduzida a menos de cem mil habitantes no período medieval. Este período conhece, portanto, um rebaixamento no limiar populacional urbano: lugares com dois ou três mil habitantes tenderiam a receber o *status* de uma “cidade” de dimensões consideráveis, conforme estes novos parâmetros.

Hoje em dia, quando vivemos o drástico problema da superpopulação mundial e consideramos que a maior parte da população de quase todos os países mais importantes vive em cidades, fenômeno específico do século XX, estes limiares de população urbana oriundos de outras épocas se tornam irrisórios para o homem comum. Mas não para o historiador. Tudo isto vem nos mostrar simultaneamente a importância e a relatividade do aspecto populacional para uma caracterização da Cidade como tal. Ou seja, o número tomado isoladamente não deve ter grande importância para o historiador, a não ser quando ele pode contextualizá-lo, produzir a partir dele inferências socioculturais, conectá-lo a outras informações e estabelecer hipóteses para a compreensão de uma sociedade.

Outro problema a ser referenciado, além da ‘relatividade do número’, refere-se ao da ‘problematização do número’. Um campo fértil de aplicações da demografia histórica aparece quando começamos a relacionar padrões de comportamento populacional com as necessidades políticas e sociais desta população. Malthus, já no século XIX, fazia notar que diversas sociedades controlavam seus limites populacionais face aos recursos alimentícios e materiais através da adoção de um padrão de ‘casamento tardio’, na faixa etária de 25 anos para as mulheres e 30 anos para os homens, em uma época em que havia poucos meios de controle da natalidade. O ‘casamento retardado’, adicionado à ‘precariedade de recursos anticoncepcionais’, podia exigir o desenvolvimento de determinados padrões de abstinência entre os jovens, já que não eram desejados nestas sociedades os filhos ilegítimos que, de resto, comprometeriam com uma maior demanda por alimentos as possibilidades de sobrevivência do grupo.

Conexões como estas formaram um campo significativo para os historiadores associarem certos dados demográficos a aspectos ideológicos. A valorização da vida ascética, as associações entre amor e sexo, a moralização do sexo a partir de interditos, ou mesmo o surgimento de movimentos artísticos que valorizaram o “amor casto”, como ocorre com o Amor Cortês entre os

trovadores da Idade Média, tudo isto pode ter uma outra ponta nas necessidades vitais de contrabalançar nascimentos em uma sociedade que tem poucas alternativas anticoncepcionais. Torna-se necessário nestas sociedades a criação de ocupações dignas para o jovem que terá de retardar a constituição da família: daí, na Idade Média, o engajamento em aventuras como ‘cavaleiro andante’ ou cruzado, a valorização do santo, a alternativa do eremitismo. Surgem também as necessidades de criar um sistema para a distribuição do patrimônio familiar entre os herdeiros de um chefe de família que morreu — algumas sociedades adotarão o sistema da primogenitura masculina, para evitar que a propriedade se fragmente entre vários herdeiros. Resultado disto: novos marginalizados no seio familiar, novas necessidades de práticas comportamentais específicas, novas necessidades de ideologias que obriguem todos a estas práticas. O dado demográfico está sempre preso a uma teia complexa, e uma variação em um aspecto populacional pode produzir a necessidade de um grande rearranjo na organização política, nos traços ideológicos e nos bens culturais a serem produzidos pela sociedade. A estas conexões, o historiador demográfico deve estar atento. São apenas alguns exemplos, entre tantos, que mostram que a dimensão cultural ou política e a dimensão demográfica devem ser postas a dialogar pelo historiador.

5. HISTÓRIA DEMOGRÁFICA E REGIÃO: NOVAS INTERCONEXÕES

Com os exemplos mencionados, fica claro que a História Demográfica — a boa História Demográfica — obriga-se a dialogar com aspectos que a ultrapassam. O historiador não deve se transformar em um mero recenseador retroativo, como estamos tentando demonstrar. É preciso que, mesmo partindo dos fatos demográficos, ele esteja atento aos fatos da cultura, aos fatos econômicos, aos fatos políticos, às ideologias, aos aspectos antropológicos. A História Demográfica reafirma hoje o seu lugar no campo histórico precisamente estabelecendo interfaces com os outros campos historiográficos, com a História Econômica, com a História Social, com a História Política, com a História Cultural, ou com qualquer outra dimensão a ser examinada pelo historiador. Eis aqui um exemplo marcante de que, mais do que nunca, o historiador deve evitar se deixar trancafiar no isolamento de seu compartimento historiográfico de maior interesse. A tendência do historiador do século XXI, pode-se prever, será trabalhar cada vez mais habitualmente em um campo de interconexões, mesmo que ele conserve sua especialidade. Assim como o otorrinolaringologista não deveria deixar de ser um clínico geral em todas as horas, um historiador demográfico não pode deixar de se preparar para dominar satisfatoriamente o *métier* do historiador da cultura, do historiador social, do historiador político.

Com relação a obras historiográficas voltadas para o aspecto demográfico, elas começaram a aparecer na década de 1950 – sob o impulso do método da “reconstituição familiar” desenvolvido pelo demógrafo Louis Henry, que começou a aplicá-lo a sociedades do passado. O método propunha vincular as informações relativas a nascimentos, casamentos e mortes em uma determi-

nada região, podendo ser apreendido no manual escrito por Louis Henry com o título de *Técnicas de Análise em Demografia Histórica* (HENRY, 1988). A partir daí, começou a surgir uma profusão de teses. Algumas vinculavam a História Demográfica a um campo novo que também emergia no universo historiográfico de meados do século XX, a História Regional, divisão que deveremos enquadrar mais adequadamente no critério ‘abordagens’. O historiador regional é aquele que trabalha com uma determinada região e, neste trabalho, dependendo do seu problema historiográfico específico, ele pode realizar uma História Demográfica, como também uma História Econômica, uma História Cultural e assim por diante.

Para o caso do entrelaçamento entre História Demográfica e História Regional, os pioneiros foram os historiadores franceses da década de 1950 e 1960, sobretudo Goubert com seu *Beauvais et le Beauvaisis*, que focaliza uma região francesa no século XVII (GOUBERT, 1968). É esta, talvez, a primeira obra de ‘demografia social’. Além de ser uma História Regional cuidadosamente articulada com uma Demografia Histórica, trata-se de uma verdadeira análise social, também atenta aos aspectos econômicos.

Os exemplos de conexões entre a História Demográfica e a História Regional seriam muitos, e certamente requereriam um texto à parte. Nosso objetivo, neste artigo, foi apenas revisitar, do ponto de vista de sua essencialidade teórica, os campos da História Serial, História Quantitativa e História Demográfica, em um exercício crítico de reflexão sobre os vários campos em que hoje se vê partilhada a historiografia contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História – Especialidades e Abordagens*, Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHAUNU, Pierre. In “Une histoire religieuse sérielle – A propos de diocèse de la Rochelle (1648-1724) et sur quelques exemples normands” In *Revue d’Histoire moderne et contemporaine*, Paris, tomo VII, janeiro-março de 1965.
- GOUBERT, Pierre. *Beauvais et le Beauvaisis de 1600 à 1730*. Paris, Flammarion, 1968.
- HENRY, Louis. *Técnicas de análise em demografia histórica*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- VOVELLE, Michel. *Piété baroque et déchristianisation, les attitudes devant la mort en Provence au XVIII siècle*. Paris: Le Seuil, 1978.